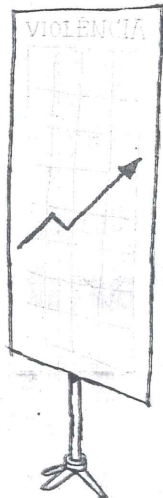


AD 22/173



1.958 homicídios

A violência no Espírito Santo não diminuiu nem está estabilizada: ela aumentou. Não é apenas uma questão de percepção. Pesquisas já mostraram que o aumento de homicídios é bem superior ao aumento da população. O governo estadual parece não ter uma política clara para enfrentar o problema, apesar de investir no setor. E o discurso oficial é errático, impreciso, nem sempre apegado aos fatos.

O Estado acaba de divulgar o número de homicídios do ano passado: foram 1.958 mortes, ou cinco por dia. O aumento foi de 2,9% em relação ao ano de 2007. Olhando assim, parece pouco, porque a base de comparação já era bem alta. Daí o secretário de Segurança, Rodney Miranda, falou em "estabilização em patamares altos". Mas foram 53 homicídios a mais em 2008. Ou mais um por semana. Não é pouco.

O secretário transmite a imagem de um policial correto, comprometido com o combate à violência. Mas parece faltar ao governo continuidade e persistência numa linha de enfrentamento. E às vezes o secretário tropeça nas palavras. Um dos piores momentos foi atribuir ao calor o aumento de homicídios no carnaval.

Em recente entrevista, ele defendeu também que a violência não aumentou: o que teria aumentado é a sensação de insegurança. Mas não é bem assim. Uma pesquisa da Ufes feita pelos professores Luiz Cláudio Zanotelli e Adelmano Inácio Bertoldi, já divulgada há algum tempo, mostra que, num período de 27 anos, entre 1979 e 2006, o número de homicídios no Espírito Santo

cresceu 7,2 vezes, contra um aumento populacional de 1,84 vez.

Em 1979 foram 259 homicídios. Já em 2006 houve 1.857. E no ano passado foram 1.958. O grande salto foi nos anos 90, época de descaminhos na política estadual, quando o governo perdeu capacidade de planejar e investir. Mas mesmo a recuperação das finanças estaduais e a reorganização da máquina pública não deram conta de enfrentar a violência com eficácia.

Estudiosos do assunto já apontaram diversos fatores para tentar explicar o alto índice de homicídios no Espírito Santo, que é o dobro do considerado "tolerável" pelo Ministério da Justiça para os padrões nacionais. (O índice estadual é de 54,9 assassinatos para cada 100 mil habitantes, contra os 25 por 100 mil do Ministério. Na Grande Vitória o índice chega a 80 para cada 100 mil. Nos Estados Unidos, o índice é de 7 por 100 mil. Na Europa, 4, e na China, com renda per capita inferior à do Brasil, é de apenas 2).

Entre os fatores apontados para explicar a violência estão a ocupação urbana e o crescimento econômico desordenados, em função dos grandes projetos industriais; a desigualdade social; a atuação de grupos de extermínio e do crime organizado; o tráfico de drogas. A Secretaria de Segurança afirma que 60% dos crimes têm ligação com o tráfico.

Dizer que a culpa é do neoliberalismo ou resumir tudo à desigualdade social, como fazem setores da Igreja e de movimentos sociais, não resolve e não é verdade. É o discurso fácil explorado na luta políti-

ca. Países ou Estados mais pobres têm índices melhores. No berço do liberalismo, na Inglaterra ou nos Estados Unidos, não se mata tanto. Em emergentes como Índia e China, também não.

É preciso reconhecer que o governo não está de braços cruzados. Dados da Secretaria de Segurança indicam que o número de vagas no sistema penitenciário subiu de 3 mil para 5 mil do ano de 2003 para cá, e deve chegar a 10 mil até o final do ano que vem. Só no ano passado o governo contratou mais de 600 PMs e abriu vaga para mais 650. Renovou a frota da Grande Vitória e comprou mais de cem viaturas para o interior. Tem investido em informatização e novos presídios. Mas os índices não baixam.

O governo já buscou experiências de combate à violência em Diadema e na Colômbia. Já apontou como responsáveis a crise de valores, a desagregação familiar, o consumismo. Já prometeu reduzir os homicídios em 10%. Agora, fala apenas em construir uma "estrada transitável" para 2010, quando haverá eleições.

Há poucos dias o presidente Lula esteve em Vitória para anunciar parcerias com o Estado, com enfoque na área social. Os programas preveem bolsas, cursos de capacitação e plano de habitação para os policiais e centros de qualificação para jovens de regiões mais pobres. Pode ser um caminho. Mas o fato é que esta administração chega à reta final sem ter conseguido apresentar resultados no combate à violência.

■ ■ André Hees é jornalista
ahees@redgazeta.com.br

Violência urbana